

# **A MEDIAÇÃO EM UM CENTRO DE CIÊNCIAS: O CASO DO *ESPAÇO INTERCIÊNCIAS* DA UNIFEI-MG**

## **MEDIATION IN A SCIENCE CENTER: THE *ESPAÇO INTERCIÊNCIA*'S CASE FROM UNIFEI-MG**

**Thailla Margareth da Silva Viana**

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/Bolsista  
CAPES/Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)

[thailla.sl@gmail.com](mailto:thailla.sl@gmail.com)

**Natália de Paiva Diniz**

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/Bolsista  
CAPES/Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)

[nataliapdiniz@gmail.com](mailto:nataliapdiniz@gmail.com)

**Maria Bethânia de Siqueira Leite Fochi**

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/Universidade Federal de  
Itajubá (UNIFEI)

[bethaniafochi@gmail.com](mailto:bethaniafochi@gmail.com)

**Verônica Gonçalves Duarte**

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/Universidade Federal de  
Itajubá (UNIFEI)

[veronicaduarte14@hotmail.com](mailto:veronicaduarte14@hotmail.com)

**Tatiana de Paiva Zucareli Teles**

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/Universidade Federal de  
Itajubá (UNIFEI)

[tatizucareli@yahoo.com.br](mailto:tatizucareli@yahoo.com.br)

**João Ricardo Neves da Silva**

Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)

[jricardo.fisica@gmail.com](mailto:jricardo.fisica@gmail.com)

### **Resumo**

Este trabalho teve como objetivo investigar e analisar o perfil dos mediadores do centro de ciências da Universidade Federal de Itajubá – o *Espaço Interciências* – e verificar a dinâmica da mediação em uma visita programada ao espaço. Para investigar o perfil dos mediadores, utilizou-se um questionário, já o processo de mediação foi analisado pelos pesquisadores através de um roteiro de observação durante a visita. Verificou-se que os mediadores são graduandos dos cursos de licenciatura em Física e Matemática da UNIFEI-MG e compreendem a divulgação científica e a motivação para a aprendizagem de conteúdos, por

meio de estratégias lúdicas, como as principais funções do *Interciências*. Em relação ao processo de mediação, observou-se que o tipo de interação promovida pelo mediador varia de acordo com a natureza do experimento, sendo, em sua maioria, realizada através de questionamentos a fim de instigar uma investigação do fenômeno por parte do visitante.

**Palavras chave:** centros de ciências, divulgação científica, espaço não formal de educação, mediação.

## Abstract

This work aimed to investigate and analyze the mediators' profile from a science center of the Universidade Federal de Itajubá - *Espaço Interciências* - and to verify the mediation's dynamics in a visit at this space. An online questionnaire was applied to investigate the mediators' profile while for the mediation's process in *Interciências* was analyzed by the researchers through a screenplay during the visit. It was verified that the mediators are graduating from Physics and Mathematics courses of UNIFEI-MG and consider as the main functions of *Interciências* the scientific popularization and the motivation for the learning of contents, through ludic strategies. In relation to the mediation process, it was observed that the interaction promoted by the mediator varies according to the nature of the experiment, being mostly done through questioning in order to instigate an investigation of the phenomenon by the visitor.

**Key words:** science centers, scientific popularization, non-formal education space, mediation.

## Os centros de ciências e o papel do mediador

Os museus e os centros de ciências são considerados contextos privilegiados de educação não formal, os quais possibilitam a construção de diálogos, a comunicação e a troca entre os sujeitos envolvidos. Essa interação pode ser instigada pelos mediadores, que, além de tornarem acessíveis os conteúdos apresentados nesses espaços, desenvolvem e aplicam atividades possibilitando uma visita mais dinâmica e reflexiva.

Bonatto e colaboradores (2007) apontam, com base nos estudos de Vygostky, que a mediação realizada em um centro de ciências contribui para a construção coletiva do conhecimento, tanto no que se refere aos conceitos construídos pelos visitantes quanto na construção do conhecimento do próprio grupo que atua naquele espaço.

Gomes e Cazelli (2016), em um texto sobre a formação de mediadores em museus de ciências, apresentam uma reflexão a partir de Davallon (2007), que compreende a mediação como uma série de habilidades que são possíveis de serem realizadas em espaços de educação não formal e que vão para além das possibilidades escolares.

De acordo com Davallon (2007), o termo mediação pode ser definido pela presença de um terceiro elemento, que serve de intermediário entre outros dois elementos, cuja ação provoca um efeito sobre os destinatários. Ou seja, a mediação implica transformação, não apenas em transmissão de uma mensagem. A comunicação se dá pela operação desse terceiro elemento. A mediação em museus envolve potencialmente vários níveis de diálogo: entre o público e as exposições; entre os sujeitos e o saber; entre a arte, a ciência, a história e a sociedade (GOMES; CAZELLI, 2016, p. 4).

No que concerne à linguagem utilizada pelos mediadores, é essencial observar que, como esses espaços não recebem somente o público escolar, mas também outros visitantes, de diversas faixas etárias, faz-se necessária a adequação do nível de linguagem, bem como o uso de diferentes estratégias, como recursos didáticos e analogias, que possam facilitar a interação com os sujeitos visitantes. Nesse sentido, é cada vez mais necessário o investimento na capacitação de monitores, que têm papel essencial nos espaços não formais de educação (RODARI; MERZAGORA, 2007).

A mediação por meio da linguagem é destacada por Mora (2007, p. 22) como um dos maiores desafios enfrentados pelos museus e centros de ciências, pois:

[...] ao construir suas exposições, ao invés de expor objetos já existentes, [os museus e centros de ciências] têm de se assegurar de que o que constroem e exibem estabeleça uma verdadeira comunicação com os seus visitantes. A realidade tem mostrado, no entanto, que, na maior parte desse tipo de museu, o máximo que se consegue é que aconteça um diálogo entre o especialista que comunica a ideia científica e um visitante razoavelmente versado nesses temas. Mas o visitante comum obtém, no máximo, um pouco de diversão.

Para que o visitante não seja um mero observador nesses espaços, é importante que o mediador conheça o seu perfil, como por exemplo, seus conhecimentos e interesses ao visitar um centro de ciências (MORA, 2007). Isso contribuirá para que o mediador adeque a sua abordagem ao público, envolvendo os visitantes, questionando-os e dando subsídios para que possam observar, investigar, interagir e construir suas próprias ideias, participando ativamente na visita.

Assim, os mediadores são mais do que guias em um museu ou centro de ciências, pois são os únicos que possuem o poder de interagir diretamente com o público, mudando a sua percepção sobre a exposição. Rodari e Merzagora (2007) apontam que a capacidade de ouvir o público visitante, suas dúvidas, questionamentos e vontades é uma das mais importantes funções de um mediador.

Além disso, outras características importantes para uma mediação ativa são encontradas na literatura, como colocar o visitante em contato com a dinâmica da ciência, interrogando-o, questionando-o e promovendo a descoberta, através de perguntas iniciais que estimulem a observação e a criatividade, assim como permitir a interação direta do visitante com os objetos, para que ele possa agir sobre os mesmos de modo que a formulação de hipóteses seja estimulada (RODARI; MERZAGORA, 2007; MORA, 2007).

Havendo possibilidade de um resumo pontuado das considerações teóricas mais atuais sobre a mediação em museus e centros de ciências, as resumimos da seguinte maneira:

- A mediação envolve habilidades de relacionar discussões de caráter científico com fenômenos e situações reais e vivenciadas (COSTA, 2007).
- A mediação faz parte do processo de construção de conhecimento por meio da interação linguística sobre os objetos em exposição (GASPAR, 1993, BONATTO et al, 2007).
- A mediação desenvolve nos monitores de museus e centros de ciências habilidades de questionamento e utilização de linguagem cotidiana para a abordagem dos objetos (RODARI; MERZAGORA, 2007).
- Diante do fato de os museus e centros de ciências serem constantemente modificados, a formação em serviço e contínua de mediadores é essencial para o bom andamento das ações nesses locais (GOMES; CAZELLI, 2016).

Considerando a importância do mediador, explicitada no referencial teórico como fundamental na interação com os visitantes e destes com os objetos dispostos em museus e centros de ciências, este trabalho teve como objetivo investigar e analisar o perfil dos mediadores do centro de ciências da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI-MG) – o *Espaço Interciências* – e a dinâmica da mediação em uma visita programada ao *Espaço*.

O trabalho trata de um aspecto pontual da divulgação científica, que é o processo de mediação em um centro de ciências. Para verificar tal processo, utilizaram-se dois instrumentos de coleta de dados: um questionário, que buscou investigar o perfil dos mediadores, e um roteiro de observações, utilizado pelos pesquisadores para analisar a dinâmica da mediação durante a visitação de alunos de uma escola pública da cidade ao *Espaço*.

### **O Espaço Interciências e o percurso metodológico**

O *Espaço Interciências*<sup>1</sup> é um centro de ciências interativo da UNIFEI-MG, criado no ano de 2011. Nesse local, estão dispostos experimentos e jogos relacionados à conteúdos de Física e Matemática, que têm a finalidade de despertar a curiosidade dos visitantes e contribuir para uma aprendizagem lúdica de conteúdos.

O público recebido no *Interciências* é, em sua maioria, proveniente das escolas de Itajubá e de outras cidades da região. As visitas podem ser agendadas pelo próprio site do *Espaço* para que os alunos e os professores possam conhecer o local e/ou realizar atividades programadas. Os professores podem, inclusive, realizar uma visita prévia para conhecer o centro de ciências e/ou programar alguma atividade específica. O *Interciências* também é aberto para visitação do público em geral, em horário específico de funcionamento, sem a necessidade de agendamento prévio.

Os objetos do *Espaço Interciências* não se bastam sozinhos. Desse modo, são necessários monitores, que atuam no sentido de mediar as atividades, possibilitando a interação dos visitantes com os experimentos; motivar para o aprendizado em sala de aula; propor questionamentos que permitam aos visitantes refletirem sobre os experimentos e fenômenos observados; ou então para esclarecer dúvidas e explicar algum conceito que tenha deixado dúvidas.

Os dados analisados nesta pesquisa foram coletados em duas etapas: a primeira buscou investigar o perfil dos monitores, tendo como instrumento um questionário, e a segunda procurou verificar o processo de mediação em uma visita agendada ao *Espaço Interciências*, tendo um roteiro de observações como instrumento e a sistematização dessas observações em narrativas individuais para posterior análise.

Buscando conhecer o perfil dos mediadores que atuam no *Espaço Interciências*, elaborou-se um questionário utilizando a ferramenta *Google Forms* e o mesmo foi disponibilizado online para todos os monitores, que são alunos dos cursos de licenciatura em Física e Matemática da UNIFEI-MG.

O questionário foi composto por 10 questões abertas que buscaram investigar os seguintes aspectos: o tempo que atua como mediador no *Espaço*; se ocorreu processo de seleção para o desenvolvimento das atividades de mediação e como este foi realizado; quais as motivações para desenvolver tal atividade; se ocorrem processos de capacitação e como acontecem; qual a compreensão que os mediadores têm sobre o papel do *Espaço Interciências* e, por último,

---

<sup>1</sup> <http://www.espacointerciencias.com.br/espaco.html>

quais os desafios que consideram enfrentar como mediadores em um centro de ciências. O *Espaço* possui 12 mediadores e 11 deles responderam ao questionário.

Para verificar de que modo ocorre a dinâmica da mediação no *Espaço Interciências* e o papel desenvolvido pelo mediador nesse processo, a visitação de uma turma de 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Itajubá-MG foi acompanhada pelos pesquisadores, que utilizaram um roteiro para guiar as observações.

No que se refere à mediação, foram observados os seguintes aspectos: de que modo ocorre a interação mediador-objeto-visitante; que tipos de conteúdo (conceituais, procedimentais, atitudinais) são abordados pelo mediador em suas explicações; de que forma o mediador apresenta o experimento (foco na explicação, promove questionamentos, usa exemplos ou analogias etc.); qual a linguagem utilizada na explicação (escolar ou cotidiana) e se a mesma é acessível ao visitante; e, por fim, se a abordagem do monitor pode ser considerada uma forma de escolarização do espaço.

A partir das observações e anotações realizadas e guiadas pelo roteiro, cada pesquisador escreveu uma narrativa, destacando os aspectos anteriormente citados. Os apontamentos apresentados nas narrativas contribuíram para sistematizar as observações e foram posteriormente analisados.

### **Analisando o perfil dos mediadores e o processo de mediação no *Espaço Interciências***

Todos os mediadores que atuam no *Espaço Interciências* são alunos dos cursos de licenciatura em Física ou Matemática da UNIFEI-MG e também vinculados ao Programa de Educação Tutorial (PET) *Conexão de Saberes*. Eles se encontram em diferentes períodos de seus cursos e o tempo de atuação como monitores varia de três semanas a mais de três anos. Além disso, todos passaram por um processo de seleção que incluiu entrevista e análise de histórico escolar da graduação.

Os principais aspectos apontados pelos mediadores que os motivaram a participar das atividades do *Interciências* são a possibilidade de terem contato com alunos da educação básica ainda na graduação em licenciatura, visando o preparo para a profissão docente, e a contribuição que o *Espaço* oferece para a formação inicial, agregando conhecimentos que vão além das matérias obrigatórias do curso, contribuindo para a construção da prática de falar e para o desenvolvimento da didática. A formação para atuar como mediador em um espaço não formal de educação é citada por um dos monitores como a principal motivação para atuar nesse centro de ciência.

Os mediadores participam de processos de capacitação que, de acordo com eles, são realizados semanalmente durante as reuniões do grupo PET e consistem basicamente em leitura e discussão de textos sobre divulgação científica, educação não formal e mediação, bem como apresentação de seminários. Para Mora (2007, p. 22), “[...] os mediadores devem ser formados pelo próprio museu, de maneira que se sintam parte dele e possam imprimir uma personalidade própria à sua função”, como é o caso da capacitação que se desenvolve no *Interciências*.

Um dos monitores compreende que o processo de capacitação ocorre também durante as visitas ao *Espaço Interciências*, nas quais ele afirma ganhar experiência observando monitores mais experientes. Esse apontamento possivelmente se deve ao fato do monitor em questão estar participando das atividades há bem pouco tempo (no caso, há três semanas). Rodari e Merzagora (2007), com base no estudo que realizaram sobre a mediação em centros de ciência europeus, apontam que o convívio com mediadores mais experientes é tido como a

principal forma de capacitação quando os mediadores iniciam seu trabalho. Em seguida, estão os encontros introdutórios e cursos de curta e longa duração, que auxiliam na capacitação e atualização desses profissionais.

Para os mediadores, as principais funções do *Espaço Interciências* são divulgar a ciência e promover a aprendizagem de conteúdos de maneira lúdica, interessante, dinâmica e sem a formalidade da sala de aula. Os monitores entendem que o *Espaço* incentiva e desperta o interesse dos visitantes para os conhecimentos de Física e Matemática. Além disso, a função de formar monitores para atuarem em espaços não formais de educação é ressaltada nas respostas dadas pelos participantes.

Por fim, os mediadores entendem que os principais desafios relacionados à atividade que desenvolvem são explicar conteúdos de forma fácil, simples e completa, motivar os visitantes e despertar a curiosidade dos mesmos. O fato de o *Interciências* receber diferentes públicos e a consequente necessidade dos mediadores de adaptarem a linguagem utilizada para as explicações, também se faz um grande desafio. Para Rodari e Merzagora (2007), os mediadores podem adaptar suas apresentações considerando não apenas aspectos como a idade dos visitantes, mas também aspectos que permitam o desenvolvimento de uma conversa sobre ciência, de modo que a interação não se constitua apenas como uma tentativa de ensinar ciência por parte do mediador.

A fim de conhecer e analisar como ocorre a dinâmica da mediação em uma visita ao *Espaço Interciências*, acompanhamos uma turma de 3º ano do Ensino Médio. Os alunos foram levados ao *Espaço* pela professora de Física, que buscava, por meio da visita ao *Interciências*, despertar o interesse deles para as ciências e auxiliar na compreensão de conteúdos teóricos apresentados em aula.

No início da visita, um dos monitores reuniu os alunos visitantes com o intuito de apresentar brevemente o *Espaço* e determinar algumas regras de comportamento, em relação ao que poderia ou não ser feito no local, e também de segurança, perguntando se algum aluno tinha problemas cardíacos e/ou se usava algum equipamento que poderia sofrer interferência dos experimentos.

Os alunos foram divididos em pequenos grupos para a visita, cada qual guiado por dois ou três monitores que os levaram às salas do *Interciências*. Essas salas são divididas por temas, como por exemplo, a sala da matemática, que contém alguns jogos desafiadores; a sala da mecânica, com objetos e experimentos relacionados ao conteúdo de mecânica; a sala da elétrica, com experimentos e simulações de conceitos relacionados à eletricidade; a sala da óptica, entre outras.

Sobre o processo de mediação, foi possível notar que a interação entre os visitantes e os objetos variou de acordo com a natureza dos experimentos. Por exemplo, na sala da matemática, que apresentava diversos jogos, ocorreu a interação direta entre os alunos visitantes e os objetos, uma vez que os visitantes ficaram mais livres para desenvolver as atividades oferecidas no espaço. O monitor apresentou algumas orientações iniciais e permitiu aos alunos visitantes pensarem, mexerem, conversarem uns com os outros e só interferia quando notava que depois de algum tempo eles não estavam conseguindo dar continuidade à atividade proposta. Ainda assim, os monitores interferiram minimamente, fornecendo apenas algumas dicas e pistas para que o visitante buscasse a solução. E geralmente era o que acontecia; com algumas dicas, o próprio visitante conseguia finalizar a tarefa e isso o deixava entusiasmado.

Já na sala da mecânica, nem todos os experimentos proporcionaram a interação direta aluno-objeto. Os alunos somente observaram os experimentos enquanto os monitores realizaram as

simulações. Nesses casos, era notório o desestímulo dos alunos, que após algum tempo observando e sendo questionados sobre os fenômenos, perdiam o interesse.

Mora (2007) aponta que em uma visita ativa, na qual o visitante tem contato direto com os objetos dos centros de ciência, a aprendizagem dos conceitos, princípios ou até conteúdos ocorre por um processo de descoberta do visitante, mesmo que induzido pelos monitores. Para a autora, é imprescindível que os monitores orientem os alunos, através de “indicações, chaves verbais, ou através da estruturação da apresentação, mas sempre procurando orientar a visita de modo que se afaste da apresentação de tipo escolar” (MORA, 2007, p. 26). Caso contrário, o visitante pode se desmotivar por não conseguir realizar a atividade e, com o auxílio dos monitores, as chances desse tipo de situações ocorrer diminuem.

A impossibilidade de interação com alguns experimentos e simulações no *Espaço Interciências* pode ser um fator que dificulta a participação ativa do aluno. Porém, com as estratégias de mediação, esse fato pode ser modificado por meio de questionamentos e observações, que possibilitem aos alunos refletirem e sugerirem hipóteses para os fenômenos. Assim, no decorrer da visita, notou-se que quando a exploração do objeto pelos alunos visitantes não era possível, os monitores os incentivaram a pensar e a levantarem hipóteses, realizando perguntas antes de desenvolver o experimento, tais como: “o que vai acontecer se eu fizer isso?”, “e agora? Se eu colocar a bolinha mais embaixo, o que vai acontecer?”. Somente após obterem diversas respostas dos alunos, os monitores realizaram os experimentos e discutiram as hipóteses levantadas previamente, bem como explicaram os conceitos envolvidos no experimento. Esse tipo de atitude dos mediadores é apontada por Mora (2007, p. 25-26):

[...] uma das técnicas mais úteis nas visitas guiadas consiste em que sejam apresentadas inicialmente aos visitantes as questões que qualquer um se colocaria perante um certo objeto, promovendo a observação, o que ajudará na descoberta de informações sobre o tema tratado. Isso pode ser incentivado através da colocação de questões tais como: Aonde vocês viram isso antes? Está feito de quê? Como funciona? O que se pode fazer com ele? As respostas geram interesse por saber mais sobre o equipamento mostrado e, sobretudo, acende a imaginação e gera a curiosidade que manterá viva sua atenção.

Os aspectos destacados por Mora (2007) possibilitam aproximar o visitante do fazer da ciência, mostrando que, além dos conceitos, saber questionar, observar e formular hipóteses também são formas de conhecimento. Porém, a autora aponta que isso só ocorre se o monitor dá autonomia ao visitante através da metodologia da descoberta. Caso o mediador não tenha segurança em relação ao conteúdo que está sendo tratado ou nesse tipo de metodologia, que dá ao visitante um grande poder de fazer questionamentos, ele pode se tornar um “explicador”, que ao invés de incentivar a descoberta, passa a explicar todos os fenômenos e conceitos podendo “arruinar uma boa exposição interativa porque toda a interação desaparece” (COSTA, 2007, p. 28).

Nesse sentido, notou-se que dependendo do objeto trabalhado, o aluno interagiu mais ativamente ou não; verificou-se também que os monitores interagiram de maneiras diferentes com os alunos. Os monitores, em sua maioria, procuravam questionar os alunos a fim de promover uma investigação do fenômeno, estimulando o raciocínio e a criatividade. Por outro lado, observou-se que alguns monitores, na ocasião desta visita, atuaram como “explicadores”.

Aparentemente, para esses monitores considerados “explicadores”, havia um sistema a ser seguido, como um roteiro, em que nada poderia dar errado. Tanto nos exemplos quanto na

maneira de se comunicar com os alunos, notou-se a existência de uma sequência correta sobre *o que, quando e como* falar. Nesses casos, apesar do monitor realizar questionamentos ao se dirigir aos alunos, essas questões eram do tipo “*vocês já ouviram falar em energia potencial? [nenhuma resposta] e energia cinética? [nenhuma resposta]*” ou “*vocês conhecem atrito, né?! Todo mundo conhece atrito!*”. Entende-se que essas são questões que acabam por inibir o aluno de responder que não sabe, não conhece ou simplesmente não se lembra do conceito. Em outros casos, o tempo dado aos alunos visitantes para refletirem ao serem questionados não era suficiente e o próprio monitor respondia às questões colocadas, possivelmente para manter o roteiro ou para agilizar a visita devido à falta de tempo. Além disso, os “explicadores” repetiam várias vezes determinados conceitos, aparentemente para se certificarem de que os alunos realmente o compreenderam ou para que “*guardassem na memória*” o que foi explicado.

Segundo Costa (2007), os “explicadores” são geralmente pessoas motivadas, intrigadas e com verdadeiro interesse na ciência e na tecnologia. Em geral, têm uma formação científica e anseiam por compartilhá-la. No caso do *Espaço Interciências*, os monitores são alunos dos cursos de licenciatura em Física ou Matemática, ou seja, estão sendo preparados, em seus cursos, para serem professores, o que pode acabar interferindo na maneira como eles interagem em um espaço não formal de educação, muitas vezes agindo como professores ao invés de monitores. Nessa perspectiva, os visitantes passam a ser vistos apenas como alunos.

Deixamos claro que isso não quer dizer que a mediação feita pelos “explicadores” seja uma prática ineficaz, pois os visitantes podem se motivarem, aprenderem ou relembrem diversos conceitos dessa maneira, principalmente quando os monitores relacionam os conteúdos ao cotidiano. No entanto, concordamos com Costa (2007) e Mora (2007), quando colocam a exploração mediada como algo muito mais atrativo e produtivo para o visitante.

### **Considerações finais**

O *Espaço Interciências* da UNIFEI-MG é um importante centro de ciências para a cidade de Itajubá e da região, sobretudo para os alunos das escolas públicas e particulares, que constituem o principal público visitante deste espaço não formal de educação.

Os experimentos do *Interciências* não se bastam sozinhos, sendo necessária a presença de mediadores durante as visitas. Os mediadores são fundamentais no processo de interação entre o visitante e o objeto.

Os mediadores do espaço em questão são graduandos dos cursos de licenciatura em Física e Matemática da UNIFEI-MG, que participam de processos de capacitação semanalmente para desenvolverem a atividade de mediação no *Espaço*. Essas capacitações consistem em leitura, discussão de textos e apresentação de seminários, sendo a divulgação científica, os espaços não formais de educação e o processo de mediação os principais temas abordados. Os mediadores entendem que dentre as principais funções do *Interciências* estão a divulgação científica e o ensino de conteúdos de forma lúdica, que, para eles, pode incentivar e despertar o interesse para os conhecimentos de Física e Matemática.

Em relação ao processo de mediação, observou-se que o tipo de interação promovida pelo mediador variou de acordo com a natureza do experimento. Alguns experimentos permitem uma interação ativa, como no caso dos jogos na sala da Matemática, outros necessitam da mediação de uma forma mais intensa, por exemplo, na sala da mecânica, em que foi necessário o desenvolvimento do experimento pelo mediador, bem como a explicação do fenômeno.



Por fim, notou-se que os monitores do *Espaço Interciências* desenvolvem a mediação visitante-objeto de maneiras distintas, sendo que, em sua maioria, realiza questionamentos a fim de promover uma investigação do fenômeno. Esse tipo de abordagem estimula o visitante a participar ativamente da visita, gerando interesse e motivação para a aprendizagem.

Deste modo, o *Espaço Interciências* é um local importante não apenas para o visitante que poderá ter um contato diferenciado com a Física e a Matemática através de experimentos e simulações, como também para a formação do mediador enquanto profissional que poderá atuar em outros espaços não formais de educação e como licenciando, pois ao colocá-lo em contato com espaços como o *Interciências*, aproxima-o de importantes técnicas e estratégias de ensino e/ou da apresentação das ciências para o público em geral.

## Referências

BONATTO, M. P. O.; SEIBEL, M. I.; MENDES, I. A. Ação mediada em museus de ciências: O caso do Museu da Vida. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (orgs.). **Diálogos & ciência:** mediação em museus e centros de Ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007, p. 48-55.

COSTA, A. G. Os ‘explicadores’ devem explicar? In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (orgs.). **Diálogos & ciência:** mediação em museus e centros de Ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007, p. 28-31.

GOMES, I.; CAZELLI, S. Formação de mediadores em museus de ciência: saberes e práticas. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1. p. 23-46, 2016.

MORA, M. C. S. Diversos enfoques sobre as visitas guiadas nos museus de ciência. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (orgs.). **Diálogos & ciência:** mediação em museus e centros de Ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007, p. 22-27.

RODARI, P.; MERZAGORA, M. Mediadores em museus e centros de ciência: Status, papéis e capacitação. Uma visão geral europeia. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (orgs.). **Diálogos & ciência:** mediação em museus e centros de Ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007, p. 08-21.

WERTSCH, J. V. Mediated action. In: BECHTEL, W. & GRAHAM, G. (eds.) **A companion to cognitive Science**. Oxford: Blackwell, 1998, p. 518-525.